



NARRATIVAS DE JOVENS URBANOS DA PERIFERIA DE GOIÂNIA (GO): DESAFIOS CONTEMPORÂNEOS DA ESCOLA PÚBLICA

NARRATIVES OF URBAN YOUTH FROM THE OUTSKIRTS OF GOIÂNIA (GO): CONTEMPORARY PUBLIC SCHOOL CHALLENGES

Donizette Soares da Silva

Secretaria de Estado de Educação do Estado de Goiás (SEDUC)
donizette04@gmail.com

Eguimar Felício Chaveiro

Universidade Federal de Goiás (UFG)
eguimar@hotmail.com

Fernanda Silva Martins

Universidade Federal de Goiás (UFG)
nandasagga@hotmail.com

Resumo: Os crescentes e necessários estudos sobre sujeito praticados por campos de saberes como a psicologia, a sociologia, a antropologia, a geografia e a história, encontram nos temas “jovens”, “juventude”, “condição juvenil”, motivos para o desenvolvimento de uma “escuta metodológica”. As experiências dos grupos juvenis na periferia urbana no campo do trabalho, da cultura, das relações afetivas e de trabalho e os atravessamentos sofridos num ambiente marcado concretamente pela estrutura da acumulação financeirizada que precariza o trabalho; pela informalização e desregulação; pela desterritorialização global do trabalho; pela luta desesperada pelo emprego numa economia de monopólio e de desigualdade social e pela cultura conflituosa a partir do consumo, da crença religiosa; do hedonismo; do sexismo e das lutas sociais envolvendo gênero, etnia e outras categorias identitárias, se expressam na múltipla dicção juvenil. Partimos de uma posição: escutar os jovens é uma forma de, com Eles, a partir deles, enfrentar os desafios pedagógicos e políticos da escola pública. O presente trabalho valerá de uma coleta de falas de jovens da escola pública goianiense, o qual denominamos “cartas de vida”. Montou-se também gravações videográficas; e, conversas informais. Esses procedimentos foram juntados a uma pesquisa de questionário semiestruturado que possibilitou sintetizar indicadores das representações juvenis pertinentes a vários temas de suas vidas. O resultado dessa escuta elencou, esclareceu e permitiu sistematizar a qualidade e a natureza dos desafios pedagógicos da escola pública da periferia de Goiânia.

Palavras-chaves: juventude contemporânea; narrativas de juventude; escola pública; periferia urbana.

Abstract: The growing and necessities studies about subjects practiced by fields of knowledge like psychology, sociology, anthropology, geography, and history, find in themes “youths”,

“youth”, “juvenile condition”, motives to the development of a “methodologic hearing”. The experience of the young groups in the urban outskirts, in the camp of labor, of culture, of affective and work relationships, and the crossings suffered in a environment marked concretely by the structure of financialized accumulation that precarious work; by the informalization and deregulation; by the global deterritorialization of labor; by the desperate fight for the job in a economy of monopoly and social inequality and conflicting culture from consumption, of religious belief; of hedonism; of sexism and the socials fightings involving gender, ethnicity and other identity categories, express themselves in the multiple youth diction. We start from a position: listen the youngs is a form of, with them, from them, face the pedagogicals and politicals challenges of a public school. The presente article will use a collection of lines of the youngs in the public schools of the state of Goiás, wich we call “letters of life”. Also mounted videographic records; and informal conversations. This procedures was joined in a research of a semi-structured questionnaire wich make it possible sintetize indicators of youth representations pertinent to the various themes of their lives. The result of this hearing listed, clarified and allowed to systematize the quality and the nature of the pedagogical challenges of the public school in the outskirts of the city of Goiânia.

Keywords: contemporary youth; youth narratives; public school; urban outskirts.

Introdução

A escola pública – municipal ou estadual – enfrenta, no atual período, um conjunto de desafios concernentes ao presente contexto histórico: lidar com o financiamento precarizado da educação; conseguir gerar um clima de motivação dos professores cuja carga horária é extenuante; enfrentar os imaginários que deslocam os seus preceitos centrais, como a reflexão, a problematização, a crítica em nome de concepções metafísicas do mundo e de ideologias de fuga da realidade; criar meios para atenuar a evasão escolar; fomentar condições para que o professor, mesmo sob carga horária extenuante, muitas vezes adoecido, seja capaz de se aperfeiçoar no plano do conteúdo, da reflexão teórica e metodológica; lidar com a força das novas tecnologias que, fora da escola, impactam o mundo do trabalho, a mobilidade e a sociabilidade dos jovens alunos.

Os desafios são, ainda, assombrados por problemas estruturais. O Censo escolar – 2017, lançado do Ministério da Educação, aponta: nas escolas que oferecem ensino fundamental, apenas 41, 6% contam com rede de esgoto; 52,3% com fossa. Bibliotecas são oferecidas há apenas cerca de 50% nas instituições de ensino. Apenas 46,8% das escolas possuem laboratórios de informática e somente 65,6 % têm acesso à internet.

Há problemas de financiamento, investimento, gestão, infraestrutura, de formação e vários outros consoantes à estrutura escolar. Contudo, há outros que só podem ser lidos mediante

a interpretação da sociedade brasileira: como educar os jovens empobrecidos das periferias urbanas? Esta questão se alicerça no seguinte: a maioria dos jovens da periferia urbana, especificamente das metrópoles, é oriundo do que Arroyo (2004) denominou de densas trajetórias sociais. Ou seja, originam esses jovens de pais separados; de pais que possuem uma história de humilhação no mundo do trabalho; que não tiveram formação escolar; outros jovens advêm de situações de violência; e muitos experimentaram o álcool e outros tipos de droga face à sociabilidade que lhe eram posta.

Poder-se-ia dizer que a escola pública na ordem da periferia urbana metropolitana lida com sujeitos que representam, na carne, na sociabilidade, no modo de morar, de relacionar e na subjetividade, as contradições sociais do país e o lugar do trabalhador nessas contradições. Diante disso a questão é: a escola, na ordem de seu sistema, e os professores estão capacitados para lidar com essa juventude no que ela requisita em termos de formação?

Essa questão recomenda que, pelo menos, o comprometimento com uma educação que não se fixa na ideologia da qualificação e na suposta neutralidade ideológica tramada por quem usufrui da estrutura social desigual, abra o mundo da escola para ouvir os jovens da periferia, sentir um pouco o seu sentimento; respeitar a sua palavra; mapear as suas trajetórias, os seus gostos; tocar as mãos em suas feridas; entranhar-se em sua cabeça e em sua dor; em suas tristezas e em suas possibilidades.

O presente trabalho almeja ser essa escuta. Para o qual contou-se com um arquivo de pesquisas desenvolvidas há mais de 20 anos mirando a relação entre jovens, juventudes, culturas juvenis e o mundo objetivo no qual as experiências juvenis refletem e constituem as contradições que dele provem. Dessa feita, no plano teórico não há uma separação entre a análise da estrutura social concreta e a juventude e o mundo da escola.

As narrativas foram colhidas de maneira espontânea no Colégio estadual Severiano de Araújo. Embora o tom espontâneo desse luz à sua narrativa, dirigiu-se apenas o foco: “conte-nos a sua história de vida e se for possível ligue-a à sua relação com a escola”. Após colher as histórias foram feitas a cópia para o papel; e daí, foram lidas e relidas mediante um enfoque: o dizer da juventude da periferia urbana metropolitana expõe o modo como a sua vida é representada; essa representação tem ligação com o seu mundo concreto e com as ideologias que dominam este tempo. Por isso, a sua narrativa é um documento de leitura do sujeito e do tempo, possibilidade de caminhar junto com a juventude no plano do imaginário e dos seus desafios.

Jovens, juventudes e juvenilização: os documentos do mundo

O crescimento do interesse de instituições acadêmicas, pedagógicas, culturais e, inclusive, de instituições ligadas à gestão territorial pelo jovem – e o imenso debate teórico e reflexivo em torno da juventude contemporânea, além de ser promissora em termos de produção acadêmica, discerniu vários termos que, apesar de similares, ao serem diferenciados, ajudam a compor a representação do tema. É comum, por exemplo, dizer que o termo “jovem” possui uma referência universal muito próxima da origem etimológica: jo-venire. Ou seja, aquele que possui uma jornada por vir; é, portanto, um ser em transição. É comum também mencionar juventudes, no plural, para marcar a heterogeneidade implicada nas várias identidades juvenis; e, face ao processo de semiotização feita pela publicidade, pela moda, pela propaganda, geralmente evidenciando o jovem como emblema da capacidade de produzir, mencionar a expressão juvenilização do mundo.

As representações são variadas. As que são feitas eximidas de uma reflexão teórica consistente, tendem a cair em visões negativadas do jovem. Na escola, por exemplo, assentados no critério comparativo, se constroem representações de que o jovem atual, diferente do de outrora, é indisciplinado, debochado, possui valores instáveis, entrega-se a qualquer chamamento de fragilidade moral e ética. Muitas representações são tecidas com base nos hábitos juvenis, como a dispersão causada pelo vício às redes; a indisciplina no horário de dormir; a angústia e o sentimento narcísico e melancólico ao mesmo tempo.

Ocorre de avaliar os jovens pela sua profunda ligação com as redes conectivas. Os produtos diários e constantes da comunicação em rede sacramentam o tempo e a cabeça da juventude. Nudes, memes, selfies, aplicativos de namoro, de brigas e interações por jogos eletrônicos, blogs, sites – para muitos – fazem o jovem agonizar num mundo prosaico, vulnerável. Os ruídos na sua concentração; o exílio das próprias experiências e sua memória estão nas circunstâncias e nos fundamentos de sua vulnerabilidade emotiva, afetiva e cognitiva.

A leitura calçada nos hábitos juvenis dá conta também de observar dois lados opostos: um grupo cede ao chamamento hedonista e se entrega ao álcool, ou a outros tipos de drogas; outro grupo tenta se fechar em esteios metafísicos ou esotéricos. De identidade pulverizada, implicado pela aceleração do tempo, pela chuva de informações e pela falta de perspectiva de

conseguir trabalho-emprego, quase sempre as representações sobre os jovens não percebem a sua dor, as suas feridas, as suas origens.

Daí que torna-se necessário interrogar: qual é o mundo concreto mediante o qual o jovem produz o seu sonho?

Ora, é fácil reconhecer que o mundo concreto da juventude contemporânea é marcado pelo desemprego tecnológico e estrutural; pela profunda precarização do trabalho; pela informalidade como o último recurso de auferir renda; pela investida contra os direitos sociais; pela desregulação previdenciária e pela vulnerabilidade das instituições; pela descrença no Estado como gestor do território. É, além disso, o mundo da desigualdade social; da segregação urbana; do poder incomensurável das grandes corporações; da força dos monopólios.

Trata-se, então, de, ao invés de construir representações dos jovens a partir dos hábitos, construir outra pista teórica: perceber o mundo pelo qual chega o jovem, ver como o jovem age no mundo. Assim, as várias experiências juvenis, como experiências sociais totalizantes, colocam os jovens para edificarem a sua vida em meio às contradições próprias das sociedades mundializadas. Essas sociedades, tramadas pela poder dos monopólios, pela fabricação de guerras, pela exploração da natureza e pela violência contra o trabalhador, possuem como cifra a profunda e incorrigível instabilidade. Sob o signo da instabilidade social, de poder, de caráter simbólico é que os jovens contemporâneos desenvolvem a sua experiência de vida.

E mais: convém discernir a situação juvenil, ou seja, a identidade social dos jovens neste mundo instável. Percebe-se que a maioria dos grupos juvenis é de trabalhadores. Assim, lidam com a precarização de vida dos pais, com sentimento de impotência para ajudar os pais; com a falta de confiança nas instituições públicas, como a polícia, a escola, o Estado; convivem com a violência social e urbana em casa, na família, nas ruas; com a fragilidade emocional que faz resultar em doenças psíquicas. De maneira que no mundo instável o jovem é implacavelmente instável. No mundo da competição o jovem trabalhador possui pouca ferramenta para ter estabilidade.

Junto à instabilidade social concreta se soma o golpe de sedução do desejo juvenil. As estratégias de cooptação são poderosas e se efetivam por meio de símbolos e de figuras de poder como beleza, força, gozo, sucesso, status. Essa economia simbólica, que promete uma identidade vitoriosa, contrasta com as condições reais de vida. Logo, o chamamento para aceder a uma economia marginal feita com tráfico de drogas, roubos, ou, noutro curso, uma tentativa de fazer a solução da falta pela via religiosa e esotérica, sacolejam a vida mental dos jovens, organizam os seus territórios de vida e sua visão de mundo.

As implicações da instabilidade econômica e dessa economia simbólica baseada no exílio da própria situação, tende a gerar adoecimento, dificuldades de erigir afetos consistentes, relações permanentes. Problemas como insegurança, tédio, melancolia, ansiedade, depressão, fobias operam o mundo dos jovens. Se o jovem ou os vários grupos juvenis recebem representações negativas, mais problemáticos é quando essas representações são as suas próprias. A dificuldade de olharem a si é, portanto, a dificuldade de olharem o mundo. Da mesma maneira aquele que o representa negativamente realiza o seu olhar quase sempre baseado numa leitura frágil das contradições do mundo.

Cabe ainda observar que no quadro das iminentes crises econômicas, há dificuldade das instituições políticas em terem consistência ética. Isso juntando-se ao novo regime de produção, disseminação e publicação de informações e imagens, recolocam, com pressa, o esquema de valores na esfera pública. Visões fascistas, pornográficas, esotéricas no mesmo espaço de visões religiosas, consumistas criam uma convulsão simbólica.

Em palavras simples: o jovem deste período tece a sua cabeça numa infrene babel de valores, de discursos, de chamamentos. Muito pressionado para dizer quem é, para comunicar, para publicizar o que faz, o que vê, o que come, o que veste, o jovem entra na rede conectiva. Entra e nunca sai. Nessa rede – sob o vício e sob a compulsão – desconecta com os seus e consigo mesmo. Na teia volumosa de informação a tendência é ter dificuldades de interpretação e de produção de sentido para a sua vida

Nesta situação espaço-temporal concreta os jovens da periferia urbana chegam à escola pública. E nessas circunstâncias é que o trabalho didático-pedagógico se constitui. Mais ativo, mais informado, ferido, mas com poder de opinar, quase sempre corajoso para defender a sua visão de mundo, as suas preferências sexuais, contraditoriamente, os jovens são o documento deste mundo, das imensas possibilidades de libertação, de relacionamento e o grave sistema de prisão a céu aberto, como ponderou Pelbart (2000).

A voz da vida: relatos de jovens da periferia urbana de Goiânia

Para colher os relatos de jovens da periferia urbana de Goiânia foi escolhido o Colégio estadual Severiano de Araújo – Vila Mutirão – região noroeste de Goiânia. Essa região, com forte identidade territorial por abrigar ocupações, assentamentos e programas sociais, conta com uma população de migrantes. Objeto de preconceitos espaciais – e com uma memória de

violência social, mas também de lutas, a região noroeste seria congruente com o objetivo de ligar espaço urbano, experiência juvenil e formação escolar.

Considerou que os alunos e alunos do EJA – Educação de Jovens e Adultos – seriam produtores na pesquisa no sentido de estabelecer uma relação entre a sua vida na cidade e a sua formação escolar. Por isso, foram definidos alunos do primeiro, segundo e terceiros anos.

Optou-se pelo critério de maior capacidade de exposição dos alunos. Ou seja, os relatos foram feitos pelos alunos e alunos que não tinham a exposição de suas trajetórias. Antes de fazer o relato, os entrevistadores lhes expuseram o objetivo da pesquisa. A partir da aquiescência, além dos relatos orais, foram feitas gravações. A postura da pesquisa é de considerar o jovem como sujeito, o que Dayrell (2003) clareia:

Tomar os jovens como sujeitos não se reduz a uma opção teórica. Diz respeito a uma postura metodológica e ética, não apenas durante o processo de pesquisa mas também em meu cotidiano como educador. A experiência da pesquisa mostrou-me que ver e lidar com o jovem como sujeito, capaz de refletir, de ter suas próprias posições e ações, é uma aprendizagem que exige um esforço de auto-reflexão, distanciamento e autocrítica. A dificuldade ainda é maior quando o outro é “jovem, preto e pobre”, essa tríade que acompanha muitos dos jovens como uma maldição (DAYRELL, 2003, pág. 27).

Para salvaguardar a idoneidade ética dos relatantes, mesmo com o seu assentimento, a opção foi por instruir um nome fictício. Em formato livre, a sua voz ecoou de maneira a produzir o que, metodologicamente, denominamos ‘cartas de vida’.



JOSEPH SILVA DE OLIVEIRA

Boa noite, meu nome é Joseph, tenho 26 anos, moro em Goiânia, sou brasileiro desde quando eu nasci. Eu sou jovem pobre da periferia, da classe baixa, média baixíssima. Não tenho privilégio de quase nada. Tenho um filho de 5 anos, eu amo muito ele, por causa que não tive pai. Meu pai não me deu atenção nem quando eu era jovem, porém segui minha vida, eu consegui caminhando em cada rua, em cada viela, em cada esquina do Brasil, de nossa Goiânia, em cada cultura misturada que é nosso Brasil, bem diferente. É fácil fazer amizade, se desenvolver. Eu sou uma pessoa bem comunicativa. Eu aos meus 8 anos comecei a ganhar dinheiro vigiado carro, fazendo frete e catando verdura na feira para sustenta e alimentar minha família e meus irmãos. Na periferia você não tem muitas oportunidades. Os projetos e oportunidades mais fáceis que têm é você se enturmando para fazer um “corre”, “uma correria”, para você ter um gosto de ter satisfação de uma casa para morar, de poder comer alguma coisa e vestir uma “peita” sei lá, usar um boné massa, sair com uma moça, poder presentear sua mãe e até abençoar um vizinho seu e essa indignação não passa até dos 14 anos. Porque até os 14 anos você forma psicologicamente, de tanto sofrimento alimentado, praticamente um turbarão que já nasce nadando, pronto para correr atrás do que você sempre sonha, que ter uma casa e viver bem. E aí aproximadamente aos meus treze anos, eu comecei a fazer parte de um pessoal que fazia tráfico de drogas e exportação de carga, várias coisas que me fez feliz. Não me arrependo de nada do que fiz, porque tudo isso me fez homem e me trouxe até onde fui. Trafiquei até aos meus 18 anos. Com 18 anos eu tinha passado na seleção do exército, eu queria muito, porque minha mãe falou que não iria conseguir e muitos dos meus colegas disse também, por isso eu quis. Eu falei para mim mesmo que eu ia conseguir. Uma semana antes de entrar no Quartel, eu rodei com um quilo de cocaína, uma das mais pura que já teve em Goiânia. Eu fiquei preso na CPP. O coronel do Exército mandou um alvará para a juíza da 2ª Vara para me soltar porque eu já tinha passado na seleção. E isso para mim foi que eu acreditei que não tinha mais limite, por isso sou uma pessoa que nunca desacredito nem dos outros e nem de mim. Eu tenho uma grande confiança e autoconfiança sobre minha pessoa. E tendo em vista que aprendi muitas coisas, foi três anos e meio de exército. Eu só entrei na vida do crime para poder sustentar minha família e abençoar pessoas e não ser amaldiçoado e humilhado, foi esse meu recurso. E com isso eu tendo em vista que o estudo é melhor para o ser humano e que dá um futuro. O estudo que é vida e que é o sucesso que permanece, que mantém, que é merecido, por isso eu

voltei para a escola. Tento o bastante ser amigo, ser companheiro, ser divertido porque eu sei o que é ser ruim, o que é ser mal, o que é ser covarde. Eu conheço os dois lados. E a palavra de Deus fala que quando você conhece a verdade ela te liberta. Então eu me sinto um jovem liberto. Eu represento todas as favelas de Goiás.

MARA FORTE AZEVEDO

Meu nome é Mara, tenho 19 anos. Nasci em Fortaleza, Ceará. Morei com meus avós durante dois anos e meus pais vieram para Goiânia para estabelecer aqui, na verdade, minha mãe e meu padrasto, porque meu pai separou da minha mãe quando ela estava grávida de mim. E quando eu vim morar aqui, minha mãe estava grávida da minha irmã e a gente veio morar na região noroeste de Goiânia e, eu permaneci aqui durante todo tempo de minha vida. Onde eu moro hoje em dia é um bairro muito simples e muito legal. Onde fiz várias amigas, conheci várias pessoas que me fizeram me entender como mulher e como mulher negra. Eu passei a transição com essas pessoas. Me formei uma adolescente como poucos problemas que os adolescentes normais de hoje em dia e me dei conta de entrar em movimentos, no Movimento Negro Unificado, que eu faço parte até hoje. Entrei em movimentos de Igreja, passei por outros movimentos até estabelecer no MNU, que é onde eu luto com minhas amigas, com pessoas mais velhas, com pessoas que gosto bastante, contra o racismo, contra os problemas da educação, contra a homofobia, contra a transfobia e várias outras causas que idealiza a sociedade de hoje em dia. Eu tenho como visão para o futuro, fazer faculdade de medicina, passar no ENEM com nota mil para fazer medicina na UFG na área de pediatria. Se eu não conseguir agora em 2020, eu vou fazer pedagogia, porque eu quero trabalhar com crianças.

CARLOTA FRANCISCA DE REZENDE

Meu nome é Carlota. Desde os meus dois anos eu moro aqui na região noroeste. Tenho 22 anos. Sou filha de pais divorciados e moro com meu pai, porque a família dele mora aqui nesta região. Eu faço a modalidade de ensino EJA, por algumas razões que me tiraram fora da escola. Um dos maiores motivos que me fez voltar ao estudo foi a falta de emprego. Estou desempregada também e quem me dá apoio são meus pais e minha família. O trabalho já é

difícil de se encontrar e quando não se tem um ensino médio fica mais difícil ainda, aí eu voltei e escolhi a modalidade EJA porque é mais rápido e mais viável para mim. E fazendo a EJA eu me lembrei da paixão que eu tenho por História. Amo História. Descobri isso no meu primeiro ano e, a ideia que eu algum dia posso entrar na sala de aula e inspirar umas cabecinhas menores a pensar em tudo: por que a gente está aqui? O que a gente está fazendo? Quais são os nossos direitos? Por que isso, por que aquilo? E pensar que eu posso inspirar essas cabecinhas hoje em dia é que está me mantendo aqui na escola ainda. Não é mais por conta do trabalho, se bem que vai adiantar muito, mas é ir para frente e fazer novas pessoas pensarem, formar novos cidadãos, para a gente que sai da periferia conseguir chegar lá em cima também.

SANTHIAGO CRISPIM MORAES

Sou Santhiago Crispim Moraes. Nasci no Pará e tenho 20 anos. Eu conheci Goiânia através de meu tio que me convidou para vir cantar em Goiânia. Frequento a Igreja Assembleia de Deus e através do convite dele em conheci Goiânia em 2107. Voltei para o Pará e uma conversa com minha família migramos para Goiânia, porque queríamos mais valor por conta da mão-de-obra que aqui é mais valorizada. Daí então eu fui buscar uma escola, estava a dois sem estudar por conta do nascimento da minha filha que eu tive na adolescência e isso é um dos motivos que me trouxe a capital. Buscar mudar de vida e dar uma boa vida para minha filha. Estudo atualmente no Colégio Severiano Araújo, que é uma boa escola e ótimos professores, onde o desempenho é legal. Atualmente frequento a Igreja Assembleia de Deus e tenho cargos na área de louvor e ministro aulas na escola bíblica dominical. A religião me mostrou e me motivou a escolher a área da psicologia porque eu gosto muito de entender o ser humano. Então minhas escolhas foram psicologia, teologia e música, isso tudo junto vai me tornar um pastor um dia, que é meu sonho.

AMARILDA MARIA A. SANTANA

Meu nome é Amarilda Maria A. Santana. Nasci no Maranhão na aldeia Monte Alegre. Nasci lá com muita dificuldade, cresci assim um pouco abandonada de pai e mãe. Depois minha

mãe quis me tirar de dentro da aldeia, mas eu voltei. Tive muito amigos, muito deles morreram e me desgostei. Voltei de novo para rua e depois voltei novamente para aldeia. Passou o tempo e com 14 anos comecei a namorar. O namoro não ia bem. A gente pensa que o namoro é um sentimento puro, é mentira. A gente tem um sentimento e as pessoa não tem e depois leva um pé na bunda depois. E vai sofrer só a gente. Eu engravidei e abortei, mas antes de isso acontecer eu tive um trauma. Quando eu tinha uns 7 anos, aconteceu uma tragédia comigo, que eu não gosto de falar, mas sinceramente, isso é para os pais tomar um pouco cuidado com os filhos, porque o meu não teve, nenhum perigo de cuidado comigo, mas de jeito maneira nenhuma. Pegaram e me deram para umas pessoas e essas pessoas disse que me cuidando, o que me fizeram? Me abusaram. Ai depois voltei para minha família de novo, falei para minha mãe, mas ela não deu ouvidos para mim, fez de conta que eu não existia. Pegaram e me deram para outro povo. Depois de muito anos, ela foi querer perguntar o que tinha acontecido, já tinha passado, nessa época eu tinha 14 anos e eu desgostosa tudo, só que eu estudava, ler escrever e tudo foi um sonho. Porque minha vida sempre foi muito precária demais: passei fome, apanhei, apanhei até sem merecer. Apanhei, mas o estudo sempre tive na minha cabeça. Tive um sonho de ser professora, mas minha mãe disse: isso não dá pra ti. Sempre tive sonho de ser atriz e minha mãe disse: tu acha que isso vai dar pra ti? Ela sempre jogou um balde de água fria nos meus sonhos. Quando dava para sorrir, ficava triste de novo. Não tinha como resistir, as coisas que ela falava para mim. Era triste demais. Como uma mãe falar aquilo para um filho? Depois com 15 anos, engravidei, foi precário, porque ela me fez abortar. Depois casei e tive um filho, o nome dele é Ademir. Ele é muito especial para mim, tem 4 anos e está com pai dele, mas está longe de mim, pois está no Maranhão. E as vezes fico só chorando porque fico pensando nele. Então eu vim para Goiânia, para ver se minha vida mudava, para ver se dava uma reviravolta e mudasse tudo. Porque para mim estava muito precário, sem comida e tudo. Praticamente fui expulsa da minha família e pelo marido, porque me separei dele e tive que sair de lá e ir para outro lugar. Então eu vim para Goiânia para procurar um trabalho e estudar. Meu plano foi esse. Está dando certo graças a Deus, já fiz um bico. Agora quero terminar os estudos, me formar em enfermeira. Tenho fé em Deus que vai dar tudo certo, para um dia eu voltar e ser uma pessoa de bem e fazer bondade para as pessoas que me ajudaram, Quero ser uma enfermeira bem capacitada.

KAUANI FLORISBELA APARECIDA

Meu nome é Kauani tenho 20 anos de idade, moro na região noroeste atualmente. Eu vim pra cá em busca de planos para o futuro, na minha cidade no Pará o ensino é muito fraco e então eu optei por vim para Goiânia, onde eu nasci, só que fui embora muito nova, por conta da separação dos pais, os parentes de minha mora lá. Meus pais são daqui eles casaram novamente e eu optei para vir morar com meu tio em Goiânia depois da maioridade, fui morar na região noroeste no bairro da vitória para poder trabalhar e estudar e poder adquirir mais conhecimento. Atualmente não estou trabalhando, só estudando e tenho apoio do meu tio, então não é necessariamente eu ter que trabalhar para me sustentar, meu tio me dá um apoio muito bom e meus pais me ajudam mensalmente. Então eu estou me especializando e fazendo um curso de gestão de segurança, terminando o ensino médio pela EJA, na escola da região aqui mesmo. Também eu atualmente participo de uma Igreja Cristã, onde meus amigos frequentam, me sinto bem lá. Minhas atividades recorrentes que eu faço é estudar, vou para casa, trabalho em casa, ajudo na limpeza de casa e fazer almoço. Meu futuro eu penso em ser policial, porque é um sonho desde criança e até hoje eu tenho isso em mente para poder seguir carreira. É essa carreira que eu quero e estou fazendo minha parte, terminando o ensino médio e fazendo um cursinho que vai me ajudar futuramente. Quero poder trazer minha mãe para morar aqui em Goiânia comigo e não pretendo voltar para o Pará, porque eu acho que em si lá não é bom de se viver, pela falta de segurança. Aqui também tem um pouco essa falha, porém é menos. Também poder trazer minha irmã, caso meu pai queira me visitar aqui. Também poder seguir minha vida de adulta sozinha, me sustentar e conseguir realizar todas as minhas metas, sonhos e objetivos.

A leitura dos relatos apresenta uma síntese socioespacial da periferia urbana de Goiânia: território formado por migrantes; gente que, por meio do deslocamento espacial, teve que deslocar também afetos, memórias, possibilidades de vida. A situação espacial possui uma estrutura ligada ao mundo do trabalho que, por sua vez, é um operador de vidas. O quadro dramático de conflitos, contudo, não elimina sonhos, ações e perspectivas. As informações podem ser sintetizadas assim:

QUADRO-SINTESE

ESPACIALIDADE	TRABALHO	CONFLITOS	SONHOS E AÇÕES
Migrante; Morador de rua; Preso; Doada para famílias; Aldeia; Morar de favor	Desempregado; Vendedor informal; bico	Distância do filho; Aborto; Molestada; Preso; Abandono do pai; Divórcio dos pais; Filho na adolescência; fome	Ser enfermeira; Ser médica; Ser pastor; Militante do Movimento feminino negro; Professora; Viver com humor; Saber relacionar

Fonte: alunos e alunos do Colégio Estadual Severiano de Araújo – Vila Mutirão – Goiânia-Go, 2019.

Esse é o quadro concreto pelo qual a escola pública lida diariamente. É comum, diante desse quadro, diante de uma leitura frágil do mundo objetivo do jovem e de suas trajetórias, professores, gestores, coordenadores pedagógicos caírem na ladainha reclamante, na desilusão pedagógica, ou, inversamente, proclamarem soluções aquietadoras que tolhem a compreensão social das origens dos problemas. Várias tentativas se dão no sentido de ressacralizarem as ações pedagógicas, ou militarizarem a relação do Estado com a escola e dos professores com os alunos e alunas.

Cabe, pois, interrogar: é possível educar jovens constituídos pelas trajetórias sociais apresentadas? Quais devem ser as ações pedagógicas que culminem em não exilar a sua história, a sua concretude, os seus traumas, os seus sonhos?

Autores como Freire (2011) e Arroyo (2012), ensinam que há um estímulo do colonizador e do opressor para que a memória de sofrimento seja naturalizada. Conhecer a memória pessoal, social e coletiva dos jovens empobrecidos da periferia urbana, como é o caso visto nos relatos, é antes uma forma de afirmação e de defesa de classe, do gênero, da etnia dos “esfarrapados do mundo”. Portanto, à educação cabe elucidar a humilhação

histórica, quem ganha com a segregação, com o desemprego estrutural e com a iniquidade escolar entre as classes sociais.

A questão central é a escola pública se situar na condição espacial em que se compreende. E se posicionar para desenvolver uma abertura de aprendizagem. A juventude, como documento social vivo, por meio de suas experiências no mundo do trabalho, da sexualidade, das relações com a família e também de seus sonhos, se coloca como o centro pedagógico. Logo, ler a juventude depende da leitura das contradições do mundo, essas contradições estão nos corpos, nas vozes e na memória juvenil.

Considerações finais

A juventude contemporânea, múltipla, esgarçada, refém de representações negativas, cheia de sonhos, adentra as salas das escolas públicas com o mundo dentro de si, sendo o próprio mundo em suas contradições vivas e abertas. E em suas possibilidades. A sua complexidade social, instituída pela complexidade das sociedades mundializadas, nas quais erigem a sua identidade, assusta, desafia e gera perplexidade nos professores, nos gestores e coordenadores pedagógicos.

Em muitos casos, ocorre, por parte dos professores, especialmente comparando a sua juventude com as dos educandos, uma desilusão pedagógica. Professores, atônitos, sem saber como lidar com esse jovem inquieto, contraditório, machucado, bem informado, com maior liberdade sexual, destemido para se posicionar, exilam daquilo que é primordial: fazer uma leitura do jovem como documento desse tempo.

Ora, professores, gestores, coordenadores pedagógicos não devem renunciarem aos desafios que, concretamente, lhe batem à porta. Um desses desafios é o de gerar uma compreensão dos sujeitos da escola. Parece-nos ser recomendável ler o mundo para compreender a juventude; compreender a juventude para, com Ela, formar coletivos de aprendizagens e de enfrentamentos. Assim, poderá ser possível admitir o jovem como sujeito de aprendizagem, e também da cultura, da subjetividade, o que recomenda um sentido de abertura da escola para enxergar as potências juvenis, a riqueza de sua imaginação, de sua criatividade que são, neste período, peças transformadoras.

No que foi exposto, a partir da coleta de narrativas denominadas cartas de vida, nos foi possível adentrar o mundo do jovem inserido na EJA. A sua experiência juvenil, implicada de

problemas dramáticos e graves - e o seu despojamento em revelar partes cruciais e decisivas de sua vida -, além de constituírem um acervo da alma dos jovens na periferia urbana da região noroeste de Goiânia, se colocaram como toque pedagógico esclarecendo as densas trajetórias sociais dos jovens contemporâneos.

Esse toque replica e nos adverte: é nosso desafio como nosso dever conhecer as experiências sociais dos jovens alunos. Qualquer ação pedagógica que, por acaso, ignora a história familiar dos jovens, a sua história no trabalho, a sua condição social de moradia, os seus gostos, as suas formas de comunicar, de aprender, de assimilar, os seus desejos, certamente pode criar rupturas no processo intersubjetivo do ensino-aprendizagem; pode também alimentar a desilusão pedagógica, a ressacralização da escola, a militarização, a perplexidade. A aproximação do mundo jovem concreto, a compreensão de suas dores e de suas contradições, entretanto, não aceitam uma ação permissiva da postura da escola pública. Pelo contrário: os jovens da classe trabalhadora são convidados a serem responsáveis, comprometidos e defensores da escola pública. A cultura permissiva e facilitaria não lhes ajudam a recolocar a seta da representação: ao invés de serem timbrados de inconsequentes, eles mesmos, os jovens, com o seu corpo, com a sua graça, com a sua energia, deverão se consequentes, sujeitos de sua própria vida, sujeitos do mundo.

Referências bibliográficas

- ARROYO, Miguel. **Imagens Quebradas** – trajetórias e tempos de alunos e mestres, Petrópolis – RJ: Ed. Vozes, 2004.
- ARROYO, Miguel. Outros sujeitos, outras pedagogias. Petrópolis-RJ: Editora Vozes, 2012.
- BASUALDO, Carlos (org.). Tropicália – uma revolução na cultura brasileira. E-Book, 2007.
- CAVALCANTI, Lana de Souza. Uma geografia da cidade – elementos da produção do espaço urbano, In: _____. **Geografia da Cidade**, Goiânia: editora Alternativa, pg. 13-32, 2001.
- DAYRELL, Juarez. O jovem como sujeito social, in: Revista Brasileira de Educação, Belo Horizonte – MG, pag 25-52, 2003.
- FREIRE, Paulo. Pedagogia do Oprimido, 50 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2011.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 10 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.
- PELBART, P. P. **A vertigem por um fio: Políticas da subjetividade contemporânea**. São Paulo: Iluminuras, 2000

PELBART, P.P. **Vida Capital: ensaios de Biopolítica**. São Paulo: Iluminuras, 2003.

ROLNIK, Suely. As esferas da insurreição – notas para uma vida não cafetinada. São Paulo: N-1 eduções.org, 2018.

SOUZA, Regina Magalhães de. **Escola e Juventude: o aprender a aprender**. São Paulo: EDUC/Paulus, 2003.

TAKEUTI, Norma. Subjetividades e Vínculos Sociais, in. SOUSA, I. M. (Org.) **Café Filosófico: Filosofia, Cultura E Subjetividade**. Natal-RN: Ed. UFRN, p. 262-273, 2004.

SOBRE OS AUTORES E A AUTORA**Donizette Soares da Silva**

Possui graduação em Bacharelado em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Goiás(1990) e especialização em Políticas Públicas pela Universidade Federal de Goiás(2003). Atualmente é Professor da Escola Municipal Prof. Nadal Sfredo e Professor do Colegio Estadual Jose Lobo.

Endereço para acessar este CV: <http://lattes.cnpq.br/6644407800986860>

Eguimar Felício Chaveiro

Possui Graduação em Geografia pela Pontífice Universidade Católica de Goiás (1987), Mestrado em Educação pela Universidade Federal de Goiás (1996), Doutorado em Geografia Humana pela Universidade de São Paulo (2001) e Pós-Doutorado em Saúde do Trabalhador pela Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz/RJ). Atualmente é Professor do Instituto de Estudos Socioambientais, da Universidade Federal de Goiás (IESA/UFG). É Coordenador do Núcleo de Estudos e Pesquisas Espaço, Sujeito e Existência "Dona Alzira". Mantém parcerias de trabalho com instituições em Moçambique/África, Cuba, Chile e Alemanha. Coordena projetos de pesquisas financiados pelo CNPq, CAPES e FAPEG. Desenvolve trabalhos ligados à abordagem territorial do Cerrado; saúde, trabalho e território; cartografias existenciais de Pessoas com Deficiência; Geografia, literatura e arte.

Endereço para acessar este CV: <http://lattes.cnpq.br/9540141505352914>

Fernanda Silva Martins

Possui graduação em pedagogia pela Universidade Federal de Goiás (2014). Atualmente é analista judiciário - Tribunal de Justiça do Estado de Goiás. Aluna do Programa de Pós-Graduação em Direitos Humanos, da Universidade Federal de Goiás (UFG)

Endereço para acessar este CV: <http://lattes.cnpq.br/8442107481263035>

Recebido em outubro de 2019.
Aceito para publicação em dezembro de 2019.
Publicado em março de 2020.